

OS CONFINS DA TERRA

“Todos os confins da Terra viram a salvação do nosso Deus!” (Sl 97, 3)

Natal

Manhã de Natal. Cá em casa, há papel de embrulho espalhado por todo o lado, filhós e bolo-rei, gargalhadas e muita alegria. E há pressa: a missa não espera! Alguns de nós já tínhamos ido à missa da meia-noite, mas queríamos ir todos juntos à missa do dia de Natal. Como o nosso pároco, com cinco paróquias, não tem possibilidade de celebrar missa de Natal na nossa terra, onde já celebrou à meia-noite, é preciso rumar a uma das aldeias do nosso concelho. Escolhemos Monsanto, a aldeia de granito encrustada nos penhascos.

Viaja-se para Monsanto como se viaja para o fim do mundo: a estrada vazia atravessa campos polvilhados de ovelhas, vacas, touros e cavalos e, no céu cinzento, pairam, imponentes, águias, abutres e cegonhas. Não há iluminações, nem montras, nem música, nem gente a passear. Apenas chuva miudinha. E é Natal.

A igreja pequenina está quase vazia. A carrinha da Junta traz mais alguns velhinhos, que já não conseguem subir a pé as ruas delineadas na rocha. Somos mais do que eles, e trazemos o som de vozes infantis. Não há coro, não há incenso, não há acólitos, não há procissão de entrada. Mas de repente, a igreja enche-se de cantos tradicionais, antigos como as gentes de Monsanto. A missa começa. Também aqui é Natal.

Os confins da Terra

“Todos os confins da Terra viram a salvação do nosso Deus!” Desde sempre escuto o salmo 97, o salmo do Natal. Mas desta vez foi diferente. Porque nunca, como agora, dei conta de viver nos confins da Terra...

“Jesus nasceu para nós, velhotes destas terras esquecidas aqui no interior”, afirmava, jubilante, o nosso pároco, também ele antigo e sólido como o granito. “Não fiquemos desanimados por sermos só velhos, nem por sermos poucos. Que importa? Jesus nasceu porque nos ama, sim, nos ama, a nós, habitantes de Monsanto!” Eu escutava, maravilhada. E foi quando percebi: Jesus não nasce apenas nas catedrais e nas igrejas centrais, ao som de coros solenes e sob nuvens de incenso. O Menino que nasceu fora dos muros da cidade, nasceu também em Monsanto! O Menino que nasceu para os pastores de Belém, nasceu também para os poucos velhinhos de Monsanto, e nasceu para mim, ali naquela igreja perdida entre pedregulhos. O Deus do Universo nasceu nos confins da Terra. Esta descoberta foi tão importante, tão sensorial, que marcou profundamente a minha reflexão de Natal. Ao chegar a casa, assinalei-a na minha Bíblia, escrevinhando ao lado do salmo 97: “Manhã de Natal em Monsanto, *confim da terra*, 2021”. E decidi partilhá-la convosco.

A salvação do nosso Deus

Por alturas do Natal, há sempre cristãos muito desanimados: Somos tão poucos! Somos tão incompreendidos! Diante de todo o consumismo desta época e do ataque direto ao cristianismo, muitos cristãos tornam-se sarcásticos, envinagrados, como se carregassem aos ombros a missão de salvar o Natal.

Quando viemos viver para o interior, houve quem perguntasse: “Como esperam vocês fazer crescer o Movimento Famílias de Caná, vivendo tão longe dos grandes centros?” De vez em quando, nós próprios caímos na tentação de perguntar: “Porque não cresce o nosso Movimento com a rapidez de outros? Porque continuamos a ser apenas um punhado de famílias?” E todos, nas aldeias como nas cidades, deixamos por vezes cair os braços: “Como posso fazer a diferença, sendo só um, sendo só uma família?”

Alguns, na esperança de celebrar o Natal perfeito, confundindo a paz do Menino com o sossego de quem não quer ser incomodado, isolam-se do mundo, e trocam a sua vocação laical de trigo que cresce no meio do joio por uma imaginária perfeição conventual. E assim vivem, sempre à procura da “catedral” perfeita, sem perceberem como Lhe agradam os cantos desafinados das igrejas rústicas que Ele lhes vai oferecendo.

Olhemos para Ele, ali sobre as palhinhas, totalmente vulnerável, nos confins do Império Romano. Os Seus pais acolhem com alegria os que se dão conta do Seu nascimento. E não parecem preocupados por serem tão poucos ou tão pouco influentes. Nem se perturbam com o facto de o Salvador nascer fora de muros e vir a crescer numa aldeia da periferia, terra mais de gentios que de judeus. O Menino nasceu para os que se querem aproximar, sem fazer aceção de pessoas, e assim será sempre. Não são precisas campanhas publicitárias. Basta que nos aproximemos, trazendo um vizinho ou parente de cada vez. Porque vizinho a vizinho, parente a parente, o milagre do Natal já chegou aos confins da Terra. Já chegou a Monsanto...

Nos confins da Terra onde habitamos

Contemplemos, também nós, o mistério: Jesus nasceu para mim! Jesus não nasceu para a humanidade em abstrato, mas para mim que vivo uma vida tão pouco interessante, para mim que tenho alegrias tão prosaicas e cruces tão pouco românticas, para mim que vivo neste confim da terra, e nasceu para mim porque me ama!

Para este Recém-nascido e a Sua Sagrada Família, não importa que a minha família não tenha a solenidade de uma catedral, a harmonia de uma oração conventual, ou o raio de influência de um *Youtuber*. Pois se assim o desejasse, não Lhe bastaria uma Palavra – “Faça-se!” – para incendiar a Terra?

Para este Recém-nascido e a Sua Sagrada Família, são suficientes uma gruta pequenina e uma manjedoura quentinha, num qualquer confim da Terra. Se este ano eu quiser, nós quisermos, Ele pode nascer e crescer aqui mesmo. Aparentemente, nada mudará neste mundo paganizado e materialista, como aparentemente,

nada mudou em Belém, Nazaré, Jerusalém ou Roma. Mas por dentro, lá no fundo da terra, onde crescem as sementes de mostarda, quase sem darmos por isso, o Reino germinará.

Acolher o Menino aqui e agora – Compromisso

Uma igreja pequenina sobre penhascos, vozes rudes num coro improvisado, é a hora da missa. Uma casa humilde numa terra qualquer, vozes familiares a rezar em uníssono, é a hora da oração. Não há incenso nem luzes, e a rotina é trivial: uma fralda para mudar, um móvel para montar, a viagem diária até ao trabalho, as conversas banais com os colegas, as crianças para levar à escola, a sogra para acarinhar, o avô para escutar.

Deus encanta-se com os pequenos esforços que nos vê fazer: aquela submissão alegre à vontade do cônjuge, aquele empenho, doloroso para tantos, em visitar ou receber a família do cônjuge, aquele sorriso para disfarçar o desencontro de ideias, aquele silêncio diante de uma ofensa, aquele cuidado com os detalhes, até mesmo aquela renúncia a uma vida mais tranquila e aparentemente mais perfeita, mas menos partilhada, menos oferecida. Nada lhe passa despercebido. E tudo recompensará a cem por um.

Feliz Ano Novo!